



## O FACEBOOK E A TERCEIRIZAÇÃO DO NARRADOR: UMA ANÁLISE SOBRE AS FERRAMENTAS “A LOOK BACK” E “ON THIS DAY”<sup>1</sup>

Camila Lopes Garcia<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho busca entender a ação do “narrador/fotógrafo” em ambiente virtual digital conectado, na rede. E, para tanto, apresenta uma análise sobre as ferramentas “*a look back*” e “*on this day*” disponibilizadas pela rede social *facebook*, respectivamente em 2014 e 2015. O referencial teórico utilizado situa-se no contexto da semiótica da cultura e abordará a imagem como criadora de vínculos afetivos nos ambientes de visibilidade ampliada, presente nos estudos de Dietmar Kamper, Walter Benjamin, Norval Baitello Jr. e Vilém Flusser.

**Palavras-chave:** Fotografia. Facebook. Virtual. Narrador. Escafandrista.

### Texto

A arte de narrar está em vias de extinção, diz Walter Benjamin. “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (2012:2013). Sobre a figura do *Narrador*, Benjamin escreve nas últimas linhas do seu texto, escrito em 1936, “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (2012:240). Ora, contar a vida “inteira” é pra quem está chegando perto do fim com consciência e clareza do trajeto percorrido, vivido. É para quem tem consciência de que sua vida é como uma forte enxurrada que segue recebendo água por todos os lados e carrega, ou se apropria, dos objetos e experiências de outrem que flutuam pelo seu caminho. Portanto o narrador, além de contador de histórias, deve ser um ouvinte atento e eficiente ladrão de memórias. Talvez esteja aí, na porosidade dos corpos, a beleza de uma vida narrada.

---

<sup>1</sup> Ou “o narrador (quase!) ausente: uma análise sobre as ferramentas “*a look back*” e “*on this day*”.

<sup>2</sup> Camila Lopes Garcia, doutoranda no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e pesquisadora do grupo de pesquisa CISC. [camilalg@gmail.com](mailto:camilalg@gmail.com).

# V COMcult

## o que custa o virtual?

O neurocientista Oliver Sacks ao ser questionado pelo escritor e roteirista francês Jean-Claude Carriere sobre o que seria, do seu ponto de vista, um “homem normal”, responde:

(...) um homem normal, talvez, seja aquele que é capaz de contar sua própria história. Ele sabe de onde vem (tem uma origem, um passado, uma memória em ordem) e acredita saber onde vai (ele tem projetos e a morte, no final). Está, portanto, situado no movimento de um relato, ele é uma história e pode dizê-la para si mesmo (CARRIERE, 2004:11).

Para Sacks quando o sujeito é capaz de se situar no movimento de um relato, da narrativa, o diagnóstico é positivo – ou, tecnicamente negativo para a doença. Supõe-se então que suas funções cerebrais (do sistema nervoso) estão dentro do que ele entende por “condição de normalidade”. Assim, pode-se dizer que a ação do narrador se fundamenta na “ato de narrar sobre si” e que este é um movimento contínuo e circular<sup>3</sup>, visto que articula passado, presente e projeção de futuro em constante transformação. Onde cada nova memória reconfigura o todo.

O narrador incorporado, que segundo Benjamin possui um “frágil e minúsculo corpo humano”, o qual se alimenta das experiências vividas e passadas de boca a boca (2012:214) é aquele que no exercício das mais antigas formas de trabalhos manuais, como o fiar ou o tecer, esquece de si mesmo e vivencia em profundidade o que ouve. A ponto de espontaneamente desenvolver a capacidade de narrar e repetir estas histórias inúmeras vezes imprimindo algo de si, deixando sua marca. E, para Benjamin, este narrador só é possível de fato quando estas duas figuras arcaicas se justapõem: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Constituindo assim a essência do ofício do narrador e a função social que desempenha.

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se tivermos presentes ambos esses grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 2012:214).

---

<sup>3</sup> “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (BENJAMIN, 2012:221).

# V COMcult

## o que custa o virtual?

O homem é narrador por natureza. Enquanto Oliver Sacks vê no “homem normal” - não doente - um narrador que é capaz de contar-se para si mesmo, há também os narradores coletivos que são oficialmente escolhidos pelos seus pares: como o mestre sábio de uma aldeia e os líderes de grupos religiosos ou o guardião das histórias de um clã, como, por exemplo, a mulher mais velha de uma família que é responsável por montar e manter o “álbum de fotografias” do coletivo<sup>4</sup>. São narradores que têm função vinculadora, ou melhor, de reforçar (ou manter vivo) os vínculos entre os integrantes. Segundo Armando Silva, em seu livro *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*, “o álbum é feito para ser contado e, portanto, falado. Trata-se de imagens para ouvir, e, se a mulher o organiza, também o conta” (2008:135). E a cada abrir do álbum a história do grupo ganha novas nuances e o ritual se renova, lembra-se de fatos novos e se esquece de outros; indivíduos ganham destaque em detrimento de outros; se estabelece assim um ambiente propício para as bem-vindas “memórias involuntárias” proustianas. Dado este cenário, é possível dizer que a narrativa de si e dos seus fortalece os laços, promove o autoconhecimento e nos torna parte de algo maior - pertencente a um grupo, a uma família.

Para Silva a crise do “álbum de família” coincide com o lento desaparecimento da família, os álbuns luxuosos de capa dura e cantoneiras douradas dão lugar aos baratos e frágeis álbuns descartáveis oferecidos pelas lojas de revelação rápida. Na iconografia familiar os avós, pais e mães dão lugar às crianças; estas passam a reinar e têm lugar de destaque nos novos arquivos de imagens. Época que coincide também com o surgimento das câmeras de vídeo domésticas e, logo depois, à tecnologia digital de captura e armazenamento de imagens. O álbum físico passa a ser uma técnica de arquivo obsoleta (2008:123).

A tecnologia digital ocasionou uma revolução sem precedentes às coleções de imagens do universo íntimo (fotografia vernacular), que ora se arquivava em álbuns

---

<sup>4</sup> Segundo pesquisa realizada em Bogotá, Colômbia, por Armando Silva e publicada no livro *Álbum de família: a imagem de nós mesmos*, em mais de 86% dos casos o álbum de fotografias da família é mantido pelas mulheres (2008:132).

# V COMcult

## o que custa o virtual?

luxuosos ora em caixas de sapato despretensiosas, mas cheias de mistério. A velocidade da produção, o excesso de imagens e a imaterialidade delas só fez potencializar um sofrimento que Jacques Derrida chamou de “mal de arquivo”, que pode ser entendido também como “uma impaciência absoluta de um desejo de memória” (2001:09). Para Derrida estar com mal de arquivo “é como arder de paixão (...) é um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto” (2001:118). Arquivo vem do grego *arkheîon*, que quer dizer “residência dos magistrados superiores onde se depositava os documentos oficiais”. Portanto, a palavra arquivo está etimologicamente ligada a lugar, casa, etc; um lugar para onde se pode voltar e reencontrar a si mesmo e os seus. Agora, fica a pergunta: e quando este arquivo não tem mais lugar? É imaterial? E tudo que ele contém são informações binárias codificadas? Deste modo, cresce o furor pela acumulação de documentos / produção de imagens. E, conseqüentemente, novos distúrbios de ansiedade.

Já na civilização avançada, segundo o pesquisador alemão Dietmar Kamper, está instaurada uma violência que se manifesta no olhar. Um olhar controlador e magicizador que inaugura um círculo vicioso onde, para participar da visibilidade em ascensão, os indivíduos condenam a si mesmos a existirem apenas na superfície das imagens, nas telas. Sucumbem a uma abstração compulsória das dimensões do corpo, delineando assim o virtual como uma “estética da ausência” (2000:09). Imagens que na teoria de Norval Baitello Jr. são antropofágicas impuras (imagens devoradoras de corpos). Para Baitello “somos abrigados a viver uma abstração, um corpo sem matéria, sem massas, sem volume, apenas feito de funções abstratas como trabalho, sucesso, visibilidade, carreira, profissão e fama” (2005:56). Deste modo, fica outra pergunta: o que acontece quando o narrador está descorporificado, ou melhor, ausente? Quando o narrador vira imagem?

Na ausência do narrador, o programa<sup>5</sup> assume o leme da narrativa memorialística. As figuras arcaicas do “marinheiro comerciante” e do “camponês sedentário” propostas por

---

<sup>5</sup> Programa para Vilém Flusser é um sistema complexo e jamais penetrável completamente; uma “caixa preta” (2002:24).

# V COMcult

## o que custa o virtual?

Benjamin parecem não dar conta deste novo narrador em ambiente virtual digital. Nele surge a imagem do “narrador escafandrista”, cujo corpo foi devorado compulsoriamente - embora a cada dia vem oferecendo menos resistência! - a fim de se adequar e poder participar dos ambientes de visibilidade ampliada ou, no caso deste estudo, da Rede Social *facebook*. Para Baitello:

Um ambiente comunicacional não é apenas o pano de fundo para uma troca de informações, mas uma atmosfera gerada pela disponibilidade dos seres (pessoas ou coisas), por sua intencionalidade de estabelecer vínculos. Assim, uma cultura da palavra escrita constrói ambientes adequados às temporalidades de leitura. E uma cultura da imagem visual operará igualmente a construção de ambientes voltados para a hegemonia da visão, com todas as consequências que dela decorrem. (2007:05)

Assim propõe-se a imagem do “narrador escafandrista”, uma metáfora que tenta traduzir a violência gerada pelas condições impostas por um ambiente que privilegia os sentidos de distância (como a visão) e descarta os de proximidade (audição, tato e olfato); que hostiliza o corpo, tornando sintéticas e pasteurizadas as experiências vivenciadas por este mesmo corpo. O escafandrista é a imagem de um corpo quase morto, moribundo, um fardo pesado para se carregar. Impermeável, anestesiado e preso por um frágil fio à vida, um cordão umbilical pelo qual é alimentado o suficiente para garantir-lhe uma sobrevivência. No *facebook* é preciso mágicizar tudo e todos. O que não é possível tornar imagem não tem valor ou não existe. O narrador escafandrista então passa a alimentar a rede pelo mesmo cordão / fio que é alimentado. Produz e recebe imagens pobres, com pouco nutrientes. Desta forma, pode-se considerar o escafandrista como um organismo “extremófilo<sup>6</sup>”, que habita um ambiente inóspito e que tenta, com todas as suas forças, “sobreviver (ainda!) no movimento de um relato” – manter a qualquer custo sua condição de “homem normal” (de humano).

Mas ao escafandrista foi negado o rememorar, afinal não lhe resta energia para tal. Portanto, a máquina que o alimenta (o programa) - que injeta imagens e ar pelo cordão – passa agora a contar suas histórias no seu lugar, como na ferramenta *A look back*, e oferecer “recordações” diárias, como na ferramenta *on this day*. Assim, com a curadoria do algoritmo

---

<sup>6</sup> Palestra realizada pelo professor Norval Baitello Jr. no IX Congresso Internacional Chileno de Semiótica. Pucón, Chile, em 15 de outubro de 2015.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

da rede social, a narrativa de si (memorialística) foi terceirizada, acontece fora do corpo, e este parece ser o golpe final.

O *layout* das redes sociais funcionam por rolagem e tende a soterrar cronologicamente as informações levando necessariamente a um esquecimento gerado pela ansiedade do novo, pelo excesso e pela fina camada do presente. Em 2014, o *facebook* disponibilizou um audiovisual personalizado em comemoração aos dez anos desta que é a maior rede social do mundo. Cada usuário recebeu o seu *A Look Back* (Recorde momentos), uma narrativa retrospectiva de aproximadamente um minuto criada por algoritmo que compilava dezesseis fotos e obedecia a um estrutura rígida, dividida em: 1. seus primeiros momentos (3 unid.), 2. suas publicações mais curtidas (4 unid.) e 3. fotos que você compartilhou (9 unid.). O vídeo é ainda acompanhado por uma música que sugere a jornada de um herói, utilizando pontos de virada e clímax rumo ao desfecho feliz hollywoodiano.

O audiovisual foi largamente compartilhado e em meio a muitos elogios e críticas, após três dias de sua publicação, o *facebook* disponibilizou uma ferramenta de edição. Grande parte das pessoas não estavam contentes com as escolhas do programa (pautada em audiência / quantidade de *likes*) e não se sentiam afetivamente representadas nas imagens que foram pinçadas pela programação da peça. Rapidamente o *facebook* permitiu aos usuários escolherem suas próprias imagens, mas ainda assim a estrutura rígida foi mantida. O que por um lado acaba por valorizar as escolhas, a justaposição das imagens (a montagem), tornando mais presente a figura de um narrador, aproximando a peça das características da mídia secundária<sup>7</sup> e conseqüentemente das limitações físicas do antigo álbum de fotografias; mas, por outro, acabou por menosprezar as características da mídia terciária, o que pode significar um passo atrás na busca por novas formas de narrar sobre si em ambiente virtual digital.

*A Look back* mexeu de tal maneira com o emocional dos integrantes da rede que vieram à tona casos interessantes como o do norte-americano John Berlin<sup>8</sup> que postou um vídeo no *Youtube*, direcionado a Mark Zuckerberg, no dia 05/02/2014, elogiando a iniciativa

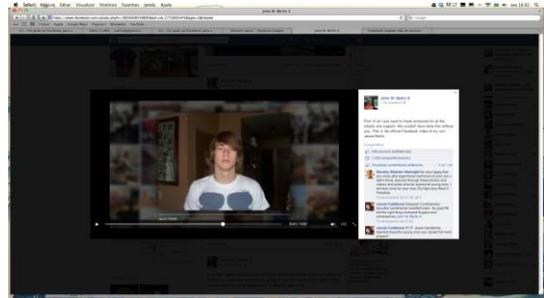
<sup>7</sup> “Mídia primária, secundária e terciária, Harry Pross Apud Baitello, 2001.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/pai-pede-ao-facebook-para-ver-video-de-retrospectiva-do-filho-morto.html> Acesso: 03/08/2015.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

em disponibilizar o audiovisual e fazendo um apelo para visualizar a retrospectiva de seu filho Jessie Berlin<sup>9</sup> que morreu em 2012, aos 21 anos. O vídeo de John alcançou mais de um milhão de *views* e foram criadas páginas de apoio à causa no próprio facebook, como a “*Help Jesse Berlin’s Dad*”. No dia 07/02/2014 John Berlin publica em sua página a retrospectiva de Jesse, seguida do texto: “*First of all I just want to thank everyone for all the shares and support. We couldn't have done this without you. This is the official Facebook video of my son Jesse Berlin*<sup>10</sup>”.



E no dia 12/02/2014 John posta novamente em sua página o audiovisual acompanhado do seguinte texto em resposta aos diversos pedidos de ajuda de pessoas desconhecidas - que passaram pelo mesmo drama de Jesse – e que também gostariam de ter acesso aos arquivos, ou melhor, às “narrativa de si” de pessoas que já morreram.

This vid stirs up a lot of emotions. I can't help but post it again. I miss my son. I ALSO WANTED TO ADD THAT I TALKED WITH FACEBOOK TONIGHT AND AS SOON AS THEY COME UP WITH A SOLUTION THEY'RE GOING TO ANNOUNCE IT. SO PLEASE BE PATIENT IT WILL HAPPEN. THANKS

Por outro lado, para casos como o do designer americano Eric Meyer<sup>11</sup>, a ferramenta foi um verdadeiro desastre. A retrospectiva apareceu em seu *feed* com as seguintes frases: “Seu ano em retrospectiva. Eric, aqui está como foi seu ano. Veja seu ano”. Mas justamente naquele ano Eric tinha perdido sua filha Rebecca. E foi justamente a foto dela que o algoritmo

<sup>9</sup> As páginas de pessoas mortas no facebook são transformadas em “memorial”. Não é mais possível realizar o *logon*.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/john.berlin2?fref=photo>. Acesso: 01 de setembro, 2015.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://meyerweb.com/eric/thoughts/2014/12/24/inadvertent-algorithmic-cruelty/>. Acesso em: 01 de setembro, 2015.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

usou como embalagem para o “lindo presente” que o *facebook* estava lhe oferecendo, trazendo ao fundo ilustrações festivas e divertidas. Obviamente o desatento algoritmo cruel só fez o seu trabalho; ele não pensa nem sente, portanto não poderia imaginar que nem todos os *likes* são manifestações positivas, alegres. Mas e o programador que programou o programa? Este sequer pensou em perguntar se as pessoas gostariam de visualizar ou não seus vídeos retrospectiva. E, para aquele que tentavam ignorar o “presente”, este tornava a aparecer no *feed*. Sem escapatória!



Por estes e outros milhares de casos parecidos com o de Jesse Berlin e Eric Meyer, nota-se que ainda não se sabe efetivamente como lidar com questões ligadas à finitude, à memória pessoal, suas recordações e lembranças em ambientes sociais virtuais. Os documentos (textos e imagens) produzidos pelos usuários e arquivados em seus perfis permanecem ou devem morrer juntamente com eles? Na mídia secundária as memórias externas (como diários, álbuns de fotos e filmes) eram herdadas pelos parentes mais próximos e na mídia terciária, o que herdamos? Que memórias pessoais são estas que estamos lidando e a quem pertencem?

Uma outra ferramenta disponibilizada por esta mesma rede social em 2015 tem levantado questões interessantes sobre a terceirização do recordar. Mas para falar de *On this day* é necessário primeiramente voltar ao ano de 2011, quando uma *startup*<sup>12</sup> de Nova York, liderada por dois jovens, perceberam que as redes sociais não ofereciam a seção “histórico ou história”, possivelmente por não valorizarem o que chamam de “história

<sup>12</sup> Investidores: OATV e Spark Capital, os mesmo investidores do Foursquare, Twitter, Tumblr, RunKeeper e outros serviços.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

peçoal”. Passam então a investir em ferramentas para este fim. Inicialmente criaram, ainda em 2011, a ferramenta PastPosts.com (versão para o Facebook) seguida pela And7YearsAgram (a versão do Instagram). E posteriormente juntaram tudo em um único app chamado *Timehop*, que seria, segundo seus criadores, “uma explosão diária do passado”<sup>13</sup>. O problema é que informações que deveriam ser oferecidas simplesmente como histórico ou um banco de dados organizado cronologicamente, são vendidas como “memória”, “lembranças” e “recordações” e isto é, no mínimo, um insulto ao corpo. Sobre a ferramenta o Facebook diz:

Com o recurso Neste dia (*On this day*), traga suas lembranças para recordar aquele dia especial em sua história no Facebook. As lembranças incluem itens como as suas publicações e as publicações de outras pessoas nas quais você foi marcado, acontecimentos importantes e quando você começou uma amizade com alguém no Facebook.<sup>14</sup>

*On this day* é uma ferramenta programada para te recordar hoje o que você estava fazendo ou pensando há exatamente um, três, cinco anos atrás. Um algoritmo que te oferece com aparente “leveza e bom humor” o rememorar do dia. O que, segundo o programa, vale a pena ser lembrado. Estas ditas “recordações” aparecem misturadas às notificações, que é onde ficam reunidos os possíveis diálogos com os seus contatos/amigos da rede. Se alguém lembrou de você e te marcou em uma foto ou link, o aniversário de um amigo, o convite para uma festa ou evento e se alguém comentou ou curtiu algum post seu. Portanto, é onde ficam reunidas as interações com os outros da rede e não é de se espantar que seja exatamente neste lugar que o programa passa a se manifestar como mais um “amigo”.

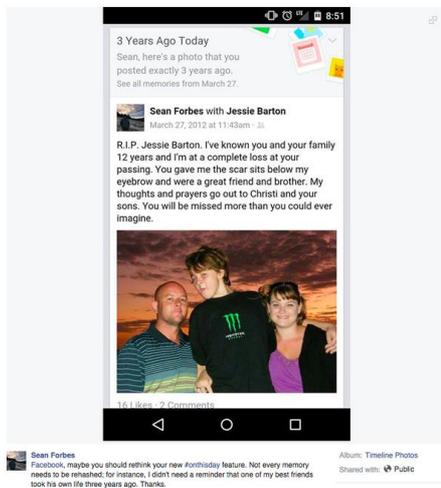
---

<sup>13</sup> “*Timehop is a daily blast from the past*”, segundo o blog oficial. Disponível em: <http://tales.timehop.com/>. Acesso: 01 de setembro, 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/help/439014052921484/>. Acesso em: 01 de setembro, 2015.

# VCOMcult

## o que custa o virtual?



@Divulgação

A rede social *facebook* parece (ou quer!) acreditar que são compartilhados nas *timelines* apenas os bons momentos. Mas se ali se propõe um ambiente social de troca – “atmosfera gerada pela disponibilidade dos seres”, como disse Baitello - existirá sim aniversários, nascimentos, mas também mortes, tristezas, términos de relacionamento, perdas e novamente aniversários e nascimentos. Mas o lembrar para o *facebook* tem regras rígidas, fronteiras demarcadas, leis próprias e não poderia ser diferente; elimina as sombras e hostiliza o corpo orgânico e o seu funcionamento psíquico; ignora conscientemente, e propositalmente, a complexidade do humano. Uma música, um toque, um cheiro não mais são fatores desencadeadores de recordações para o narrador escafandrista. Ele parece submergir em água rasa. Tanto aparato tecnológico para não ir além da superfície.

Assim, as ferramentas “*A look back*” e “*on this day*” foram recebidas pelos integrantes da rede e mídia especializada (tecnologia) como um avanço na programação do algoritmo. Durante as primeiras semanas o vídeo retrospectiva foi largamente compartilhado e a cada novo dia muitos se surpreendem e se emocionam com as recordações trazidas da luz para a luz pelo algoritmo de *on this day*. O fato é que quando o programa passa a narrar as nossas vidas e lembrar as nossas lembranças, o que nos sobra? Quando admitimos que a memória da máquina é melhor que a nossa, como admite Guta Ruiz abaixo, o que nos sobra?

# VCOMcult

## o que custa o virtual?



15



16

O Facebook é um querido mesmo. Acordo e quando entro aqui, ele me presenteia com uma lembrança de um ano atrás. Bom que a memória dele funciona mais que a minha. Bom que ele seja tão amável. Absurdos à parte, amigo face, obrigada por esse linda lembrança. Tenho pensado muito nessa peça e fiquei feliz. Você é bem louco, mas hoje me conquistou. Um beijo da Guta, aquela que hoje se sente no filme HER (Guta Ruiz).

Acima dois exemplos da empatia provocada pelo programa. Na página da publicitária e professora Juana Diniz – que também é mãe de Tomaz e Valentina - o post de compartilhamento de uma recordação com o texto “hahaha, a carinha dele. Tanto tempo!”. Que mãe resistiria a esta ferramenta? E na página da atriz Guta Ruiz, que ao se deparar com uma recordação a compartilha e inicia uma íntima conversa com o mesmo “irresistível” programa. E, para finalizar, volto a Benjamin quando este diz sobre o narrador: “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”, e acrescento a faculdade de narrar nossas histórias, ou seja, de nos situar no movimento de um relato, com bem definiu Oliver Sacks.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/juana.diniz.1?fref=ts>. Acesso: 06 de setembro, 2015.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/guta.ruiz.7?fref=ts>. Acesso: 06 de setembro, 2015.



## Referências

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Para que servem as imagens mediáticas? Os ambientes culturais da comunicação, as motivações da iconomania, a cultura da visualidade e suas funções**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 08 set. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CARRIERE, Jean-Claude. **O círculo dos mentirosos**. São Paulo: Códex, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KAMPER, Dietmar. **Sobre o futuro da visibilidade**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estrutura temporal das imagens**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **O media – o virtual – o telemático**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **A imagem**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Corpo vivo, corpo morto**. Disponível em: <[www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)>. Acesso em: 01 set. 2015.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: Editora Senac, 2008.